

A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA FORA DE SÃO PAULO

Hernani Donato

O cinquentenário da Revolução Constitucionalista sugere, entre as várias comemorações, um alargamento do elenco dos combates travados durante a campanha militar e um fazer-justiça que tardava. E era reclamado.

De fato, como se fora eco do clamor-verdade “São Paulo traído!”, insiste-se em manter oculta outra verdade, meridianamente clara porque escrita com fogo e sangue e luminosamente bela: em diferentes lugares do país, a causa levantada por São Paulo encontrou, ao norte, ao sul, no oeste, quem se dispusesse a lutar e a morrer por ela. Foi, portanto, causa nacional, não regionalismo.

A rigor, aquele jovem secundarista paraense que se imolou ao abrir do dia, depois de, sozinho, agarrado à sua metralhadora, resistir uma noite inteira a número desmedido de atacantes; aqueles artilheiros trucidados em pleno caudal do Amazonas; aqueles desesperançados cavaleiros gaúchos galopando para o entrevero e a morte a fim de manter a palavra empenhada com os paulistas, conforma, ao menos tanto quanto saber da coragem com que o comerciário, o estudante, o funcionário deixaram o balcão, o livro, o escritório e foram bater-se no Túnel, em Buri, em Eleutério.

Aqui se pretende chamar a atenção para esses combates constitucionalistas fora de São Paulo, mais condenados à derrota e à vingança do que os próprios paulistas confinados nas divisas estaduais. Seguem-se, segundo a cronologia, os principais encontros travados pela constitucionalização do país, em outros Estados.

19.7.1932: BELA VISTA, MS. Destacamento constitucionalista de Campo Grande ataca a cidade, guarnecida pelo 10º R.C. Parte desta tropa aderiu e parte optou por internar-se no vizinho Paraguai.

20.7.1932: POUSO ALEGRE, MG. A posição dos paulistas é acometida e envolvida pelo maior contingente e poder de fogo das tropas do Governo Provisório. O Batalhão Pais Leme, centro de defesa paulista, perde seu comandante Fernão Sales, mais 14 combatentes e cede terreno.

21.7.1932: CORONEL MANOEL JOAQUIM, estação ferroviária nas vizinhanças de Guaxupé, MG. O 1º Batalhão Paulista da Milícia Civil, a mando do capitão Romão Gomes, operando em solo mineiro, defronta o 11º B.I. da Força Pública de Minas Gerais, sob o comando do major João Lemos da Silva. A peleja termina com troca de prisioneiros e a morte de quatro mineiros e um paulista e com um acordo político: os paulistas regressam ao seu território e as divisas estaduais seriam mutuamente respei-

tadas. Esse acordo, resultou no chamado “Convênio de Guaxupé”, não respeitado pelos governistas.

21.7.1932: VACARIA, RS. Pequeno choque de forças governamentais contra grupo insurgente que se manifestara em favor da revolução de São Paulo. Em número reduzido, são facilmente dominados.

02.8.1932: BELÉM, PA. No começo da noite, estudantes secundaristas, de medicina e direito, declararam-se solidários com os revolucionários de São Paulo. Tomaram 12 fuzis à sede do Tiro-de-Guerra, ocuparam parte da cidade e fixaram-se nos quartéis da polícia e dos bombeiros. Quase toda a guarnição de Belém fora enviada ao sul para combater São Paulo. Mas o interventor Magalhães Barata organiza a reação mobilizando bombeiros, policiais e civis armados, terminando por cercar os estudantes no quartel de polícia. Paulo Cícero Teixeira, aluno do 4º ano ginasial, com uma metralhadora Hotchkiss, defende o quartel toda a noite, sendo abatido às 9 horas do dia 3 por atirador emérito, postado em prédio vizinho. Destacamento saído do arsenal de marinha liquidou o que restava da resistência estudantil.

18.8.1932: ITACOATIARA, AM. No forte de Óbidos, sobre o rio Amazonas, 50 artilheiros proclamaram-se em revolta, solidários com os que, no sul, reclamavam a imediata constitucionalização do país. Decididos a ocupar Manaus e não podendo transportar seus obuses embarcam apenas metralhadoras e fuzis, em pequenas embarcações. Contra eles, o governo do Pará expediu dois navios carregados com tropas. Um dos navios, o “Baependi” (ex-alemão), o maior dos que então navegavam no Amazonas, diante de Itacoatiara, foi empregado como aríete sobre os frágeis barcos dos constitucionalistas. Descrição de Jarbas Passarinho: “Agindo com essa proa como se fosse um aríete, afundou-os. Em seguida, sem nenhuma contemplação para com os náufragos, metralhou-os. A ação durou quarenta minutos.

19.8.1932: LADÁRIO/IPAJIM, região de PORTO MURTINHO, MS. Os revolucionários, sob o mando do major Luís Silvestre Gomes Coelho, atacam a base naval de Ladário, empregando contingente do 18º B.C. de Campo Grande, sob o comando dos tenentes Simão e Laroque; seções do 6º B.C. de Aquidauana, tenentes Moreira e Tourinho; esquadrão do 10º R.C.I., capitão Alcides Alvares da Silva e numerosos civis armados. A defesa da base: fuzileiros navais, contingente do 17º B.C. de Corumbá, unidade da Brigada Policial do RS, civis riograndenses armados e o monitor “Pernambuco”. Nesta data, os revoltados progredem na direção do perímetro da base que não chegariam a ocupar.

20.8.1932: PERDIDO/PORTO MURTINHO, MS. Os constitucionalistas — gente do Exército e civis armados — empurram os governamentais para mais próximos do perímetro da base naval de Ladário que

pretendiam ocupar para abrir canal de comunicação dos constitucionalistas de São Paulo e Mato Grosso com o exterior.

27.8.1932: QUITÉRIA/COXIM, MS. Diante da pressão de numeroso contingente ditatorial proveniente do norte de Mato Grosso (Cuiabá) e de Minas Gerais, os constitucionalistas abandonam a linha defensiva Quitéria/Coxim, refluindo para o rio Sucuriú.

29.8.1932: COXIM, MS. O Batalhão Visconde de Taunay, constitucionalista, ataca e dispersa destacamento expedido pelo interventor federal em Mato Grosso para bloquear e investir o Estado de São Paulo pelo oeste.

03.9.1932: PORTO ESPERANÇA, MS. O monitor "Pernambuco" é alvo de bombas de 12kg fabricadas em Utinga, SP, atiradas de avião Curtiss, por revolucionários constitucionalistas matogrossenses do sul. O monitor apoiava a defesa do 17º B.C. de Corumbá, contra destacamento do Exército e civis armados provenientes de Campo Grande. Nos dias 4 e 5 repetiram-se tais ataques, retirando-se o monitor para Ladário.

04.9.1932: PELOTAS, RS. Grupo gaúcho solidário com os revolucionários de São Paulo, conduzido pelo coronel Marcial Terra, choca-se e obtém vantagem sobre reduzido destacamento governamental.

07.9.1932: MANDIOCA ASSADA, MS. Os revolucionários constitucionalistas operando na região de Ipajim/Ladário vencem reduzido contingente governamental apoderando-se de dois canhões. Tentam progredir na direção de Ladário. Apoderando-se da base, terão aberto um canal de comunicação dos constitucionalistas com o Exterior.

10.9.1932: PORTO MURTINHO, MS. As forças revolucionárias constitucionalistas, providas de Campo Grande e que assediavam a base, depois de bem sucedidas nos encontros de Ipajim. Perdido, Mandioca Assada, Muquem e São Roque, suspendem o ataque e dispersam, carentes por completo de munição. O assédio durara 23 horas de fogo. Os governamentais mantêm a base, evitando contatos dos constitucionalistas com o exterior, em busca de armas e outros recursos.

10.9.1932: SÃO JOÃO, entre SÃO GABRIEL E SANTA MARIA, RS. Aproximadamente 80 revolucionários de São Sepé, Santa Maria e Cachoeira, buscando reunir-se à coluna principal dos constitucionalistas gaúchos, são atacados por 140 governistas ao mando do capitão Abelardo Rubim. Luta terminada com o cair da noite, ficando em poder dos revolucionários cavalos, armas e cinco prisioneiros. Mortos: 6 dos levantados e 3 dos governistas. Ferido principal: o capitão Rubim.

13.9.1932: REIZINHO MACEDO, proximidades de CAÇAPAVA, RS. Borges de Medeiros e Batista Luzardo, saídos a campo para honrar compromissos assumidos da Frente Única gaúcha com os paulistas le-

vantados, conduzindo civis caçapavanos liderados por João Vargas, Martim Cavalcanti e Fábio Garcia, somando 210 cavaleiros, encontram e atacam força de 120 homens da Brigada Efetiva, do destacamento Figueira e a dispersam, capturando barracas, arquivos e alimentos.

13.9.1932: RIO FÃO, RS. O lugar é humilde, entre Lajeado e Arroio do Meio, junto ao Passo da Barca e próximo à embocadura do rio Duduia. A força constitucionalista gaúcha do general Cândido Carneiro Júnior (o “Candoca”) foi atacada por esquadrão governista do Regimento Presidencial. Ao fim de quatro horas de fogo, os revolucionários cruzam o Duduia, internando-se pelos matos. Deixavam no campo 4 mortos e 8 feridos. A parte da Brigada Militar reconhece a perda de exatamente igual número de homens. Extinguiu-se a resistência constitucionalista na área.

20.9.1932: SERRO ALEGRE, RS. Com este combate terminou a expressão militar do levante constitucionalista no Rio Grande do Sul. 670 situacionistas (400 do 13º Corpo Auxiliar, de São Gabriel; 150 do 15º corpo, de Dom Pedrito, do major Leopoldino Dutra); 120 do 1º Batalhão da Brigada Militar do capitão Figueiras), surpreenderam a força revolucionária quando esta churrasqueava na estância que deu nome ao lugar e ao evento. Na parte fronteira da sede da estância, os revoltosos estavam sob o mando do capitão Martim Cavalcânti; do coronel Armando Borges, nos fundos da mesma; do coronel Galdino Fagundes da Rosa, no flanco direito; do coronel Coriolano de Castro, na mangueira de pedras. Várias horas de combate resultaram em 23 governistas mortos e 39 prisioneiros, e 3 revolucionários mortos e seis feridos, além de 45 prisioneiros, incluso o inteiro Estado Maior da revolução na área.

25.9.1932: PORTO ESPERANÇA, MS. A situação da praça, cercada e atacada desde o início do mês, definiu-se nesta jornada em favor dos constitucionalistas. Com a guerra chegando ao final nas outras frentes que cercavam São Paulo, os governistas não manifestaram grande empenho em manter a posição.

(Transcr. da **Revista da Academia Paulista de História**, nº 1, págs. 92 a 97, São Paulo, 1981.)